



## DESVIOS DE ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA: A INFLUÊNCIA DE FATORES EXTRALINGUÍSTICOS

*WRITING DEVIATIONS IN PORTUGUESE LANGUAGE: THE INFLUENCE OF EXTRALINGUISTIC FACTORS*

Lucas Evangelista Saraiva Araújo (UFRGS)<sup>1</sup>  
[lucas.evangelista@ufrgs.br](mailto:lucas.evangelista@ufrgs.br)

Ana Maria da Silva Nunes (IESM)<sup>2</sup>  
[anamsn64@hotmail.com](mailto:anamsn64@hotmail.com)

**RESUMO:** Objetivou-se com esta pesquisa quali-quantitativa, verificar quais e quantos são os desvios de escrita em língua portuguesa presentes em textos produzidos por alunos de uma turma de 3º ano do ensino médio de uma escola pública estadual de Teresina-PI, apontando os mais recorrentes e se os fatores extralinguísticos gênero e classe social influenciam diretamente na ocorrência desses desvios. Para sua realização foram procedidas pesquisas de campo e bibliográfica. Por meio desta, buscou-se sustentação teórica em Tarallo (2007), Bagno (2007, 2011), Labov (2008), Mollica e Braga (2010), dentre outros e que versam sobre a Sociolinguística Variacionista. Logo após uma análise sistêmica dos dados encontrados, constatou-se que os desvios mais recorrentes foram de ortografia, marcas de oralidade, concordância verbal e acentuação, nesta mesma ordem. Além disso, a pesquisa mostra que o gênero masculino cometeu mais desvios do que o feminino e que nos textos daqueles que pertencem à classe social mais baixa ocorreram mais desvios.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita. Desvios. Variação Linguística. Sociolinguística. Fatores Extralinguísticos.

**ABSTRACT:** The objective of this qualitative-quantitative research was to verify which and how many deviations of writing in Portuguese are present in texts produced by students of a 3rd year high school class of a state public school in Teresina-PI, pointing out the most and whether extralinguistic factors such as gender and social class directly influence the occurrence of these deviations. For its accomplishment, field and bibliographic research were carried out. Through this, theoretical support was sought in Tarallo (2007), Bagno (2007, 2011), Labov (2008), Mollica and Braga (2010), among others, which deal with Variationist Sociolinguistics. Soon after a systemic analysis of the data found, it was found that the most recurrent deviations were in spelling, orality marks, verbal agreement and accentuation, in the same order. In addition, the research shows that the male gender committed more deviations than the female and that more deviations occurred in the texts of those who belong to the lower social class.

**KEYWORDS:** Writing; Deviations; Linguistic Variation; Sociolinguistics; Extralinguistic Factors.

### Introdução

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre-RS, Brasil. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

<sup>2</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina-PI, Brasil.



As línguas de um modo geral não são homogêneas, mas heterogêneas. Essa heterogeneidade ocorre motivada por fatores linguísticos e extralinguísticos, dentre estes, pode-se citar: a escolaridade, o gênero, o lugar, a idade e a classe social. Nesse sentido, as várias maneiras de se dizer a mesma coisa são conhecidas como variação linguística; fenômeno inerente à qualquer língua oral. Este fato se sobrepõe à língua escrita padrão e institucionalizada, visto que esta é artificial e aquela é natural.

Embora na modalidade escrita da língua seja exigido um padrão fixo, é comum encontrar textos que apresentam variação quanto a esse padrão (BAGNO, 2007). Diante disso, o que leva alunos do 3º ano do ensino médio a escreverem em desacordo com a norma padrão? Acredita-se que um dentre os fatores que leva os alunos a escreverem em desacordo com a norma padrão é o fato de eles escreverem da mesma forma como pronunciam as palavras, pois a fala muitas vezes exerce influência direta na escrita, além de as aulas de português serem restritas às regras gramaticais, ensinadas muitas vezes de forma descontextualizadas. Considera-se, também, que a classe social a que pertence o aluno é um fator que influencia a ocorrência de desvios e que os alunos do gênero masculino estão mais propensos a cometer tais desvios (TARALLO, 2007).

Sob essa perspectiva, objetivou-se com esta pesquisa verificar quais e quantos são os desvios de escrita presentes em textos produzidos por alunos de uma turma de 3º ano do ensino médio de uma escola pública estadual de Teresina-PI, apontando os mais recorrentes e se o gênero e a classe social são fatores que motivam essas ocorrências. Para a execução deste trabalho foram realizadas uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo. Durante a pesquisa de campo, para alcançar o nosso objetivo, foi solicitada uma redação aos alunos com tema livre; levantamento sociocultural destes por meio de uma ficha padronizada e em seguida procedeu-se às análises.

Por meio da pesquisa bibliográfica, buscou-se aporte teórico em Bortoni-Ricardo (2005), Bagno (2007, 2011), Tarallo (2007), Labov (2008) e Mollica e Braga (2010); dentre outros autores não menos relevantes. Escrever de acordo com a norma padrão é requisito indispensável para as pessoas que estão inseridas em sociedade(s) em que a escrita ocupa um lugar socialmente privilegiado.

Desse modo, espera-se que os alunos que estão no último ano do ensino médio escrevam de acordo com o padrão estabelecido oficialmente. Todavia, sabe-se que saber escrever (e corretamente) é um processo que exige aprendizagem contínua. Assim, por ser um artefato social, o ensino da modalidade escrita da língua, muitas vezes, não é adequado ao aprendizado dos alunos, posto que escrever a partir dessa modalidade demanda saber o que, para que e para quem (LABOV, 2007).

A tarefa de ensinar a escrever corretamente exige que seja explicado para os alunos que a língua falada é diferente da língua escrita e que ambas as modalidades possuem características próprias e funcionam separadamente. Aquela é mais flexível, enquanto esta é mais rígida quanto aos padrões da gramática normativa.

Destarte, é essencial que o professor trabalhe com a diversidade dos gêneros textuais, conscientizando os discentes da importância do contexto, tanto para a língua falada quanto para a língua escrita. Dessa forma, essa abordagem metodológica pode contribuir com os professores, levando-os a refletir sobre a importância do ensino da escrita que enfatize a diferença entre a modalidade escrita e falada da língua, bem como pode promover a tomada de consciência sobre as variações linguísticas.

### **Língua, sociedade e ensino na esteira da Sociolinguística Variacionista**

A língua falada se sobrepõe à língua padrão institucionalizada, visto que esta é artificial e aquela é natural, pois de acordo com Bagno (2007, p. 164) “[...] enquanto tiver gente falando uma língua, esta vai sofrer variação e mudança, incessantemente”. Ainda nessa perspectiva, o supracitado autor enfatiza que:

Ao contrário da norma-padrão, que é tradicionalmente como um produto homogêneo, [...] a língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. Ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento feito de pedra e cimento, a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído. A língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, compreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita (BAGNO, 2007, p. 36).

Dessa maneira, a homogeneidade pretendida por aqueles que defendem a língua escrita como um instrumento usado da mesma forma pelos seus falantes, não ocorre nem na língua falada nem na escrita, haja vista as dificuldades que nesta são encontradas, uma vez que tal modalidade, permeada de regras diferenciadas da modalidade de fala, é adquirida muito tempo depois de o falante ter aprendido a falar de forma natural.

O falar brasileiro apresenta uma gama enorme de diversidades linguísticas e muitos são os fatores externos que contribuem para que ocorram essas variações. Nesse aspecto, os supracitados estudiosos da Sociolinguística – ciência que estuda a diversidade linguística – afirmam que a língua e a sociedade são interligadas e que essa relação forma a base da constituição do ser humano. Ou seja, se a sociedade apenas se aglomerasse em um determinado lugar e não desenvolvesse uma língua para efetivar a comunicação, o ser humano seria apenas uma espécie de animal igual a todos os outros.

William Labov, linguista estadunidense, é considerado o precursor teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Sociolinguística Quantitativa, já que também trabalha com estudos que envolvem números e estatística a partir de dados obtidos em pesquisa como esta. Labov propõe um estudo da variação linguística na relação intrínseca entre língua e sociedade, desenvolvendo assim uma forma de analisar e sistematizar a variação existente na modalidade falada da língua.

O pontapé desse estudo foi sua dissertação de mestrado e tese de doutorado, orientadas por Uriel Weinreich, na Universidade de Colúmbia. No mestrado pesquisou sobre a centralização de ditongos falados na ilha de Martha's Vineryard, pertencente ao estado de Massachussets. No doutorado, averiguou como se dava a estratificação da variável /r/ na cidade de Nova York.

Labov compreende que as diversidades linguísticas, em especial da inglesa e mediante aos seus estudos ao longo dos anos, ocorrem influenciadas pelo comportamento social. Isto é, “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 2008, p. 21).



Essas diversidades linguísticas são tomadas de uma variedade imensa de variações elencadas a seguir de: diatópicas, diastráticas, diacrônicas e diafásicas. Sobre os dois primeiros tipos de variação, Mussalin & Bentes (2006, p. 34) defendem que a partir “de uma perspectiva geral, podemos descrever as variedades linguísticas a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática)”.

As autoras ainda destacam que:

A variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores e que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala (MUSSALIN & BENTES, 2006, p. 34).

Enquanto a variação diatópica está voltada aos fatores geográficos, isto é, aos dialetos (variedades regionais de uma língua), a variação diastrática se volta para os fatores sociais e culturais em sociedade. Esta última destaca os socioletos (variantes de uma língua falada por um grupo social, uma classe social ou subcultura) que envolve aspectos como: idade, sexo, raça (cultura), profissão, posição social e grau de escolaridade.

Já a variação diacrônica diz respeito às mudanças que a língua sofre no decorrer de sua evolução, com o passar do tempo. A variação diafásica diz respeito às fases da fala, ou seja, os níveis de formalidade (formal e informal); variedade culta ou coloquial. Isso se dá pelo fato de o contexto ser influência direta no registro do falante, este varia sua fala de acordo com as diversas circunstâncias.

Nesse sentido, em síntese e segundo a pesquisadora da área, Ana Cristina Biondo Salomão, em seu artigo *Varição e mudança linguística: panorama e perspectivas da sociolinguística variacionista no Brasil*<sup>3</sup>, a análise sociolinguística variacionista “enfoca fundamentalmente o processo de interação fala/sociedade, justificando-se pela necessidade de compreender os fatores que possam influenciar a

---

<sup>3</sup> Fonte: Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, jul./dez. 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2011v8n2p187>

operação de uma ou de outra variante, na busca de estabelecer uma sistematização ao processo de variação linguística” (2011, p. 191).

Deve-se observar que a variante culta difere da popular (não padrão), pois ambas coexistem, porém esta é mais informal e aquela é mais formal, mediante os fenômenos linguísticos proporcionados pela variação e mudança (BAGNO, 2007). Sabe-se que existe uma retroalimentação entre a língua e a fala, pela qual se pode observar as variações que são imanentes à língua e que consistem no objeto de estudo da Sociolinguística.

Por isso, é importante frisar que de acordo com o olhar do sociolinguista não existe uma variável melhor que outra; não há uma hierarquia entre as variáveis da língua. Todas compõem a língua e têm o mesmo nível de importância. Portanto, o papel desse profissional é descrever e explicar as variantes da língua, pois o que importa não é sua forma, mas sua efetiva comunicação.

Assim, “a língua está totalmente inserida e interligada à sociedade” (TARALLO, 2007, p. 19). A sociedade, por sua vez, se complexifica o tempo todo e na mesma medida a língua é modificada, já que a língua representa a sociedade, assim como a sociedade representa sua língua. Dessa forma,

Uma abordagem que considera apenas as pressões estruturais dificilmente pode contar a história toda. Nem todas as mudanças são altamente estruturadas, e nenhuma mudança acontece num vácuo social. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específicos, o que exige uma explicação (LABOV, 2008, p. 20).

Sob este ponto de vista, é fundamental que seja investigado os fatores extralinguísticos, para que se possa explicar o que motiva esse fenômeno variacionista da língua. Enfim, vale salientar que “todas as manifestações linguísticas são legítimas e previsíveis, ainda que exista flutuação estatística [...] a língua é uma das propriedades no conjunto de propriedades que compõe finalmente o patrimônio social de uma pessoa” (MOLLICA, 2010, p. 13), situando-a no eixo vertical da estratificação social.

No Brasil, mesmo havendo um português oficialmente padronizado, pode-se notar uma grande variedade linguística percebida, sobretudo, na realização dos fonemas em situação espontânea da língua falada. Porém, essa variedade pode ser encontrada

também na língua escrita. Essas realizações, de acordo com as modificações que operam em uma palavra, podem ser classificadas como processos fonológicos ou marcas de oralidade (a utilização de cujas realizações podem ser explicadas por meio de variação linguística), motivadas, principalmente, por fatores sociais. São fatores que dialogam intermitentemente com o sistema linguístico, contudo, reverberam em sociedade (LABOV, 2008).

Embora na modalidade escrita da língua seja exigido um padrão fixo, é comum encontrar textos escritos apresentando variação quanto a esse padrão. Para minimizar esse problema seria necessário que a escola ensinasse de forma sistemática sobre a heterogeneidade da língua tanto na perspectiva da fala, quanto na da escrita, pois “o caminho para uma democracia é a distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15), porque o sujeito consciente da variação da língua, possivelmente vai saber usá-la adequadamente conforme o ambiente e contextos sociais em que se encontra.

Ainda versejando sobre a importância da relação entre língua e escola e corroborando com o pensamento da autora acima citada, Costa (2011) assim se posiciona:

Dentre as diversas áreas de conhecimentos desenvolvidas na escola, as atividades de língua são fundamentais, por serem básicas nas relações sociais, em geral, inclusive, nas relações pedagógicas, bem como no processo de produção do conhecimento em todas as áreas do saber e por ser, também, o seu principal meio de difusão (p. 23).

Tendo em vista a dimensão da função da escola na preparação do cidadão para a vida social, se torna uma contradição perniciosa a tentativa, sempre frustrada, de distorcer o ensino de língua materna, fazendo-o tomar uma feição que serve exclusivamente para a academia, já que a língua materna é natural e funcional (BAGNO, 2011), e o homem em suas relações desempenha diversos papéis sociais.

Não se pode deixar de lado a grande questão que diz respeito à heterogeneidade das línguas. Segundo Bagno (2007, p. 36) “a língua é socialmente uma atividade coletiva, intrínseca a todos os falantes que se utiliza dela para comunicar-se, seja pela modalidade escrita ou falada”. Para entender isso, o(a) professor(a) deve trabalhar com



seus alunos textos falados ou escritos, diferentes gêneros textuais, com o intuito de averiguar não só o modo como esses alunos falam ou escrevem, mas também proporcionar a eles uma abordagem que trabalhe os aspectos que envolvam o ensino da língua escrita: sociais, culturais, políticos e de identidade.

É importante que o professor seja sensível no tocante ao ensino da escrita, respeitando o falar dos alunos para que no momento de escreverem eles percebam que precisa haver uma distinção entre essa escrita e a oralidade inerente, conforme Bagno (2007). Conseqüentemente, é preciso que o docente esclareça para seus alunos que as variações da fala não devem ser levadas para a escrita formal da língua e que há contextos possíveis para serem utilizadas. Sendo assim, se um aluno diz “nóis vai”, se a comunicação disso for efetiva, resta-lhe entender que na modalidade escrita formal ele deve utilizá-la de acordo com a norma padrão: “nós vamos”.

Portanto, é consenso entre os suprarreferidos estudiosos da língua que a modalidade falada é distinta da modalidade escrita no que se refere a sua forma de expressão. O aluno deve entender esses fatos linguísticos e o papel do(a) professor(a) é mediá-lo na concepção das formas que a língua se apresenta, pois

o grande equívoco em torno do ensino da língua tem sido o de acreditar que, ensinando análise sintática, ensinando nomenclatura gramatical, conseguimos deixar os alunos suficientemente competentes para ler e escrever textos, conforme as diversas situações sociais (ANTUNES, 2003, p. 46).

Dessa maneira, a língua falada por todos em sociedade, não pode se restringir ao que diz a norma padrão da língua portuguesa. À vista disso, Koch (2007, p. 77) defende que a “fala e escrita constituem duas modalidades de uso da língua. Embora se utilizem, evidentemente, do mesmo sistema linguístico, elas possuem características próprias”. Por isso, a língua é única e intransferível. Porém, os falares e dizeres são tantos e diversos, que em meio a esse mundo globalizado e tecnológico eles precisam de mais atenção e acatamento. No entanto, isso não significa, porém, que fala e escrita devam ser vistas de forma dicotômica” (KOCH, 2007, p. 77).



Mediante o que vem sendo discutido, entende-se que o ensino da língua deve e pode ser contextualizado da melhor forma pelo professor, mostrando aos alunos o objetivo da língua escrita e/ou falada. Sob essa perspectiva, deve-se ter apreço pelas diferenças dentro e fora da língua, seja ela falada ou escrita. Esta, sendo documentada e histórica, necessita de uma utilização sensata para que, ao mesmo tempo, seja seguida e posteriormente estudada e discutida. Ou seja, a inteligibilidade no processo comunicativo.

Logo, a interação entre língua, sociedade e ensino a partir de uma abordagem metodológica da Sociolinguística Variacionista, requer da academia e da escola uma atenção acentuada no que se refere à variação e à mudança da língua escrita em detrimento da falada; fenômeno diretamente influenciado pelo comportamento e fatores sociais, os quais impactam o ensino da norma culta. Para mais e além de uma Sociolinguística Variacionista, é preciso evocar uma Sociolinguística Educacional que combata cada vez mais o preconceito linguístico decorrente do estigma das diversidades linguísticas fora e dentro da sala de aula.

### **Caminhos da pesquisa**

Para proceder às análises, foram consideradas as seguintes variáveis independentes: o gênero e a classe social. Escolheu-se trabalhar com homens e mulheres, porque o gênero se configura como um fator social que pode ser representativo nos resultados de uma análise sociolinguística, uma vez que

a diferenciação sexual dos falantes não é, portanto, somente um produto de fatores físicos, ou de diferentes quantidades de informação referencial fornecidas por eles, mas, sim, uma postura expressiva que é socialmente mais apropriada para um sexo do que para outro (LABOV, 2008, p. 348).

Percebe-se, além das diferenças articulatórias determinadas pelos aspectos fonatórios, que o sexo é fator determinante em certas atitudes ou modalidades de fala e que são mais comuns seu uso por falantes de um sexo que de outro. O fator classe social

também é relevante no momento de uma pessoa se expressar, porque a expressão é um fator que denota a origem e o meio do qual o falante pertence (LABOV, 2008).

Por essa razão, foi investigada a renda familiar dos participantes desta pesquisa. Para tanto, foi realizado um levantamento socioeconômico por meio de ficha padronizada (Tabela 1). Para enquadrar os informantes em um perfil socioeconômico, recorreu-se à tabela instituída pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisas (ABEP), que define as classes sociais conforme a Tabela 2.

**Tabela 1: ficha padronizada**

Idade	
Gênero	Feminino ( ) Masculino ( )
Nome do pai	
Ocupação	
Nível de escolarização	
Nome da mãe	
Ocupação	
Nível de escolarização	
Renda familiar – Salário(s)	
Tem internet em casa?	Sim ( ) Não ( )
Tem celular?	Sim ( ) Não ( )
Tem acesso à informação por qual meio?	( ) Jornal ( ) Internet ( ) Revista ( ) Livro ( ) Outro: _____
Deseja mencionar outro(s) dado(s)? Sim ( ) Não ( )	Se sim, escreva-o(s) aqui:

**Fonte:** dados obtidos

**Tabela 2: classes sociais por salário**

Estrato Sócio Economico	Renda média Domiciliar
A	20.888
B1	9.254
B2	4.852
C1	2.705
C2	1.625
D-E	768
TOTAL	3.130

**Fonte:** ABEP

Como já mencionado, foi solicitada uma produção textual para que fossem pontuados e classificados os desvios do português padrão. Esses desvios e a classe social a qual cada um pertence, estão expostos nas tabelas 3 e 4, logo a seguir. É importante ressaltar que cada uma das tabelas representa dados de um gênero, sendo 6 (seis) do sexo masculino e 6(seis) do sexo feminino, no total de 12(doze) alunos; a referência aos alunos será feita por meio de numeração para preservar a identidade de cada um deles.

Antes de apresentar as tabelas, é importante informar que nos textos analisados foram encontrados um total de 41(quarenta e um) desvios de escrita. Destes, 19(dezenove) são de ortografia, 10(dez) influenciados por marcas de oralidade, 9(nove) de concordância e 3 (três) de acentuação. Sendo sua recorrência nessa mesma ordem de apresentação.

**Tabela 3: gênero feminino e classe social**

Alunas	Escrita no texto	Escrita correta	Classe social
<b>Aluna 1</b>	Falcidade À resolver	Falsidade A resolver	C2
<b>Aluna 2</b>	Vasias Oque Desia	Vazias O que Dizia	C2
<b>Aluna 3</b>	Almejão Ergidas	Almejam Erguidas	D-E
<b>Aluna 4</b>	Enterior Tão Nos chegar bem ali Na quele HUT	Interior Estão Se nós chegarmos ali Naquele HUT	D-E
<b>Aluna 5</b>	Vizando Contemporanea	Visando Contemporânea	D-E
<b>Aluna 6</b>	Dês de Trás	Desde Traz	D-E

**Fonte:** dados obtidos

**Tabela 4: gênero masculino e classe social**

Alunos	Escrita no texto	Escrita correta	Classe social
<b>Aluno 1</b>	Houvimos Foram aprovado	Ouvimos Foram aprovados	C2
<b>Aluno 2</b>	Pas	Paz	C2
<b>Aluno 3</b>	Dês de Enseparaveu	Desde Inseparável	D-E



<b>Aluno 4</b>	Acreditação Dês de Piqueno Serta Família Debocharo Humiudade Seje Maneira muita positivo Humilhano Dezeno Dezirte Falão Poiser Eisso é	Acreditam Desde Pequeno Certa Família Debocharam Humildade Seja Maneira muito positiva Humilhando Dizendo Desiste Falam Pois é E é isso	D-E
<b>Aluno 5</b>	Bêbe Alcolicas No alimentos A indústrias deveria	Beber Alcoólicas Nos alimentos As indústrias deveriam	D-E
<b>Aluno 6</b>	Perssebemos Os pobre Ná	Percebemos Os pobres Na	D-E

**Fonte:** dados obtidos

O contexto em sala de aula no tocante ao ensino de escrita pode ser explicado no que diz Antunes (2003, p. 27): “pode-se constatar que o trabalho com a escrita é improvisado, sem planejamento e sem revisão, na qual o que conta é, prioritariamente, a tarefa de realizá-la”. Isto é, o processo de escrita requer não só planejamento, mas também a revisão deste. É importante saber o que se está dizendo e o que se quer fazer.

Para se dizer algo a alguém através da escrita, o produtor do texto precisa ter em mente um objetivo, pois segundo Antunes (2003) a escrita é uma atividade de expressão, é o momento em que as ideias se manifestam verbalmente. Isso está condicionado àquilo que você tem para dizer para obter uma boa comunicação. Nenhum conhecimento linguístico ou gramatical pode inibir a dificuldade de não ter o que dizer. Faltando ideias, informações, conseqüentemente faltarão as palavras para escrever.

As palavras viram ideias e sensações através do hábito de ler, estando em contato às informações. Vale reforçar que só isso não basta, deve-se exercitar diariamente a prática da escrita visando aprimorar esse ato. Além do mais, aquele que escreve precisa atentar-se ao outro que irá ler e interagir com o texto produzido. O

professor não pode, em hipótese alguma, persistir no ensino de uma escrita escolar sem um leitor, sem um destinatário.

Quem escreve, escreve algo para alguém, essa é a função do texto; comunicar. E quando se fala de um texto escrito, que o produtor não está em contato direto com o leitor, tal comunicação deve ser eficiente e clara, sem arroudes e o mais objetivo possível. Para que isso aconteça, o professor deve mostrar aos seus alunos que a escrita pode atingir diversas funções de comunicação dentro de um texto escrito.

Depois de proceder às análises, chegou-se aos seguintes resultados: em relação à ficha do perfil sociocultural dos alunos, constatou-se que 2(dois) meninos pertencem à classe social C2, e 4(quatro) pertencem à classe social D-E, bem como, da mesma forma, 2(duas) meninas pertencem à classe social C2 e 4(quatro) meninas pertencem à classe social D-E.

Diante dessa primeira verificação, constatou-se que a classe social tende a ter influência direta nas ocorrências dos desvios de escrita encontrados nos textos analisados nesta pesquisa, conforme se constatou por meio das tabelas 3 e 4. É relevante destacar também que para além desse fator, a escolarização dos pais dos alunos é um aspecto que potencializa esses desvios, pois em termos qualitativos, a maioria dos pais são possuem o fundamental completo; resposta dada pelos alunos na ficha padronizada.

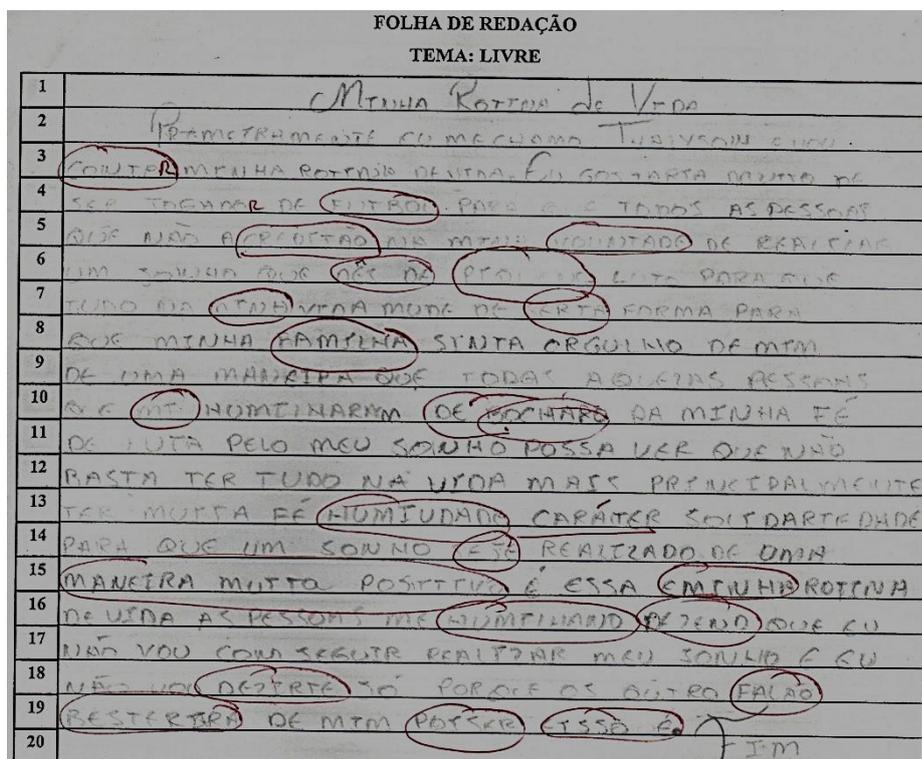
Mediante as respostas dadas pelos alunos aos tópicos “Tem internet em casa”, “Tem celular?” e “Tem acesso à informação por qual meio?” dessa ficha, mesmo que a maioria possua internet em casa, tenha celular e acesso à informação por meio de alguma das opções levantadas ou elencadas por eles, há uma discrepância entre as respostas e o potencial de escrita desses alunos. Isto é, ainda que possuam meios que podem fomentar essa escrita, ainda assim cometem desvios (variações).

Por ser um fator além língua, a classe social influenciou diretamente a reincidência dos desvios cometidos pelos alunos pertencentes às classes D-E; as menos favorecidas financeiramente como aponta a tabela 2. Essa realidade demonstra o quanto a classe social a que pertence o aluno influencia na maneira como ele escreve, já que de C2 a D-E, nenhum aluno pertencente a uma classe socialmente favorecida. O que para

Labov (2008) é uma interferência direta desse fator sobre a variação (desvio); nos textos daqueles que pertencem à classe social mais baixa ocorreram mais desvios.

Em relação ao gênero, verificou-se que os textos que apresentaram mais desvios foram os escritos pelo gênero masculino, pois dos 41(quarenta e um) desvios 25(vinte e cinco) foram realizados pelos meninos; mais da metade. Essa distinção sexual a partir dos desvios cometidos não é simplesmente uma segregação de gênero, mas é uma constatação de que, em sociedade, os falantes do sexo masculino se portam, majoritariamente, de forma menos expressiva que as mulheres (LABOV, 2008). Isso fica nítido não só na delimitação dos desvios encontrados, mas também na leitura feita das redações desses alunos. As alunas se expressaram melhor que os alunos, por isso, conseqüentemente, cometeram menos desvios. Destaca-se a figura abaixo como exemplo dos desvios cometidos pelos alunos.

**Figura 1: Redação do aluno 4**



Fonte: dados obtidos



Assim, diante das análises, conclui-se que os alunos do 3º ano do ensino médio da turma pesquisada escrevem em desacordo com a norma padrão influenciados, também, pelos fatores extralinguísticos gênero e classe social. Os dados obtidos de certa forma reiteram o que disse Labov (2008) anteriormente, que tanto o gênero e a classe social influenciam diretamente o ato de escrever, fomentando, em nosso caso, a ocorrência dos desvios de escrita em contrapartida à fala.

Portanto, em nossa realidade de pesquisa,

também é a classe social, a etnia, o sexo, a faixa etária do falante. É somente através da correlação entre fatores linguísticos e não-linguísticos que você chegará a um melhor conhecimento de como a língua é usada e de que é constituída. Cada comunidade de fala é única; cada falante é um caso individual. A partir do estudo de várias comunidades, no entanto, você chegará a um microsistema de variação: os resultados de vários estudos começarão a lhe dar pistas para estudos posteriores. (TARALLO, 2007, p. 62).

Essa correlação entre fatores linguísticos e não-linguísticos que influenciam o modo como os alunos escrevem, nos mostra que a utilização da língua padrão e sua constituição mesmo que sistemáticas, variam de acordo com o falar de cada membro de uma dada comunidade. E chegar a um microsistema de variação como este, pode contribuir com outros que enveredam por essas questões.

### **Algumas considerações**

O ensino das modalidades da língua deve ser abordado dentro de um determinado contexto. A modalidade falada requer menos critérios para ser utilizada, ainda que os gêneros orais como, por exemplo, a palestra, precise de uma criteriosa rigidez quanto à norma padrão no momento da fala. Já a modalidade escrita segue um padrão que precisa ser respeitado. E como toda língua é heterogênea, cabe ao professor explicar aos alunos acerca das variações e seus contextos de uso.

Como a modalidade escrita tende a variar menos e é mais fixa, o docente precisa explicar que essa rigidez é justificada pela unidade de significação que a língua portuguesa possui e que a comunicação entre brasileiros precisa ser efetivada em todo

território nacional, por isso há uma norma a ser seguida. Assim, diante da heterogeneidade da língua, as variações linguísticas devem ser respeitadas, sem nenhum preconceito linguístico, mas jamais negligenciadas. Também o padrão da língua deve ser seguido na escrita para a sua manutenção e registro linguístico, mas nunca de forma absoluta, e sim democrática.

Considerando esse ponto de vista, ao final das análises, vimos que um dos fatores que leva os alunos a escreverem em desacordo com a norma padrão é o fato de a escrita ser permeada por marcas de oralidade. Além disso, hipoteticamente, eles têm muitas dificuldades de assimilar as regras gramaticais postuladas pela gramática normativa. Também, os fatores extralinguísticos gênero e classe social são os indicadores que levam esses alunos a apresentarem em seus textos escritos um significativo desvio (variação) da norma padrão.

Assim, o que falta para que eles possam escrever de acordo com a norma padrão são aulas de ensino de língua em que o professor explique as diferenças entre língua escrita e língua falada, enfatizando a importância do contexto, mostrando que as línguas são heterogêneas e que as variações linguísticas são pertinentes a qualquer língua viva. Variações estas que estão presentes na fala e, muitas vezes, por falta de conhecimento são levadas para a escrita.

Portanto, para que os alunos aprendam a escrever de acordo com a norma padrão é necessário que as aulas sejam inteiramente contextualizadas e providas de uma realidade próxima dos alunos, ajudando-os a deixar de lado o hábito de não ler o que se escreve, que também impulsiona os erros de escrita. Logo, pelo fato de a escrita ser um recurso de relevância social, ela deve ser ensinada de maneira a proporcionar aos alunos uma democrática visão acerca de sua normatividade. Sendo a escola o lugar *a priori* onde esse conhecimento é adquirido, ela deve mostrar a esses alunos que o ato de escrever bem é um exercício constante e assíduo que pode ser desenvolvido por meio de práticas constantes de leitura, de produção textual dos mais diversos gêneros, além da revisão de tudo aquilo que se escreve.

Tudo isso sem o professor esquecer de frisar que a norma padrão da língua é importante, mas as variações linguísticas existem e que não há uma única forma de a



língua se apresentar, e por essa razão é importante ter conhecimento sobre as variações linguísticas para se saber fazer uso delas de acordo com o seu contexto. Espera-se que essa pesquisa dentro do seu limite contribua de alguma forma com os possíveis leitores deste artigo.

### Referências

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAGNO, Marco. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BORTINI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- COSTA, Catarina de Sena S. M. da. (org.). **Olhares sociolinguísticos: variação e interação**. Teresina: EDUFPI, 2011.
- CRITÉRIO Brasil 2015 e atualização da distribuição de classes para 2016. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.abep.org/criterio-brasil>. Acesso em: 20 ago. 2018.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; SOUZA E SILVA, M. Cecília P. de. **Linguística aplicada ao português: morfologia**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MOLLICA, Maria Cecília Braga; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 1. São Paulo: Contexto, 2006.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

---

Recebido em: 18/06/2022 | Aprovado em: 26/07/2022.

---